

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº160 - AGOSTO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME X

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

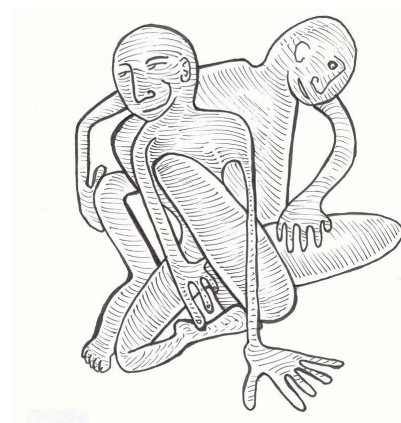
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

160



FLÁVIO DUTKA

OS CAMINHOS DE NIETZSCHE

Vagner da Silva



Vagner da Silva

Aluno do Mestrado em Filosofia Social pela PUC-Campinas.
vagnerdasilva@hotmail.com

Os Caminhos de Nietzsche

Diversos filósofos, pela extensão de suas obras, e o longo período no qual estas obras são desenvolvidas, têm a oportunidade de aperfeiçoar suas idéias ao longo do tempo, em direção a um aprimoramento de conceitos e refinamento da própria forma de pensar. O que para o filósofo é uma ótima oportunidade, acaba tornando-se para seus estudiosos um problema, e para seus críticos um campo de batalhas, no qual se tenta demonstrar descontinuidades em sua obra, ou até mesmo, eventuais transformações no seu modo de pensar. Isso se dá com o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche, que tem sua obra dividida em três períodos por seus principais estudiosos e comentadores. Abordaremos, doravante, os períodos nos quais se divide, geralmente, o pensamento de Nietzsche, e também as obras que o autor produziu em cada um destes períodos.

Em sua auto biografia (Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou) Nietzsche faz importantes comentários acerca de suas principais obras e de seu valor filosófico, e é a partir deste livro e com a ajuda de importantes especialistas no estudo de Nietzsche, que será analisado seu roteiro filosófico.

O primeiro período da filosofia nietzscheana, é marcado de forma mais intensa pelas obras *O Nascimento da Tragédia* e *Considerações Extemporâneas*, além da declarada influência de Wagner e Schopenhauer, Nietzsche desenvolve um novo método de pesquisa histórica, no qual mescla filologia e os primeiros rudimentos do que viria a ser a genealogia. É neste período que surgem os conceitos de Apolíneo e Dionísíaco, como maneira de explicar as pulsões e propensões da vida, conceitos estes que serão utilizados por Nietzsche ao longo de sua filosofia como oposição aos valores morais judaico-cristãos *bem/mal*.

O segundo período de Nietzsche, ou período intermediário, é marcado pela ruptura de sua amizade com Wagner, e seu afastamento da filosofia de Schopenhauer como uma forma de afirmação de sua autonomia filosófica e também política. Este período inicia-se com a primeira parte de *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Esta obra foi dedicada a Voltaire no centenário de sua morte, e dele também fazem parte *Aurora: pensamentos sobre os preconceitos morais*, *A Gaia Ciência* e *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Segundo Ansell-Pearson: “nessas obras, encontramos um Nietzsche que defende os objetivos do Iluminismo e incentiva a causa de uma teoria racionalista e crítica.”¹. Este é um período de grandes acontecimentos na filosofia de Nietzsche, pois é neste período que surgem pela primeira vez o anúncio da morte de Deus e do eterno retorno do mesmo, pensamentos que se tornam basilares para a crítica nietzscheana à sociedade moderna e ao niilismo destrutivo, na busca de um novo niilismo, que Nietzsche chama de ativo, estes dois “acontecimentos” filosóficos se dão em *A Gaia Ciência* e têm seus principais desdobramentos em *Assim Falou Zaratustra*, uma obra enigmática e repleta de simbologias. É também neste período, que Nietzsche passa a preocupar-se mais intensamente com a política, principalmente a partir de *Humano, Demasiado*

¹ ANSELL-PEARSON, 1997

Humano. Isto porque, como veremos adiante, Nietzsche já tinha desenvolvido seu método genealógico, e alguns dos principais conceitos que norteariam seu pensamento político futuro, já haviam sido preparados.

As obras do terceiro período de Nietzsche, são: *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*; *Genealogia da Moral: uma polêmica*; *O Caso Wagner: um problema para músicos*; *Ditirambos a Dionísio*; *O Anticristo*, sua autobiografia, composta mas não publicada imediatamente, *Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou*, (publicada apenas em 1908, apesar de ter sido escrita em 1888) e *Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Também fazem parte deste período, os chamados escritos tardios, compostos de textos e anotações que o autor elaborava e recolhia para publicar sobre o título de *A Vontade de Poder* (Der Wille zur Macht) todavia, tal obra não veio a público pelas mãos do próprio Nietzsche em decorrência do agravamento de suas doenças e sua posterior morte. Vale a pena ressaltar, que apesar de Nietzsche não ter publicado tal obra, ela veio a público devido a sua irmã, todavia, a obra foi publicada com uma série de aforismos e notas que não haviam sido escritos por Nietzsche, e sim por sua própria irmã, textos estes, de grande dissonância com o pensamento do filósofo, e que mais se aproximariam das idéias de um filósofo conservador, racista e anti-semita.

Este terceiro período é o de maior produtividade e também considerado o de maior maturidade do autor, que se volta mais intensamente para a sua crítica não apenas à moral cristã, mas também a todos os seus valores. As obras de maior importância para sua crítica à moral, seja de qual natureza for, mas em especial à judaico-cristã são: *Além do Bem e do Mal*, *Genealogia da Moral* e *O Anticristo*. Esta fase também é conhecida como a de maiores preocupações políticas de Nietzsche. O filósofo italiano Gianni Vattimo chega a afirmar que "a partir de Zarathustra Nietzsche passa a encarar o filósofo como um legislador, um inventor de valores"². É dentro deste contexto de criação de valores pelos filósofos, que surgem as principais idéias de Nietzsche como um pensador político, que serão tratadas adiante.

Uma vez explicitado o modo como se divide a filosofia de Nietzsche mais comumente, e suas principais obras em cada período, passaremos agora a discutir a idéia da continuidade, ou descontinuidade, como querem alguns, nas obras do filósofo alemão.

Defendendo a coesão interna nas obras do filósofo, Oswaldo Giacóia afirma que alguns dos temas de Nietzsche "(...) não tiveram que esperar até o período tradicionalmente considerado mais maduro de sua obra, escreve ele em *Humano, demasiado humano*:³, que:

Moral privada e moral mundial – após o fim da crença de que um deus dirige os destinos do mundo e, não obstante as aparentes sinuosidades no caminho da humanidade, a conduz magnificamente à sua meta, os próprios homens devem estabelecer para si objetivos ecumênicos, que abranjam a Terra inteira. A antiga moral, notadamente a de Kant, exige do indivíduo ações que se deseja serem de todos os homens: o que é belo e ingênuo; como se cada qual soubesse, sem dificuldade, que procedimento beneficiaria toda a humanidade, e portanto que ações seriam desejáveis; é uma teoria como a do livre-comércio, pressupondo que a harmonia universal tem que produzir-se por si mesma, conforme leis inatas de aperfeiçoamento. Talvez uma futura visão geral das necessidades da humanidade mostre que não é absolutamente desejável que todos os homens ajam do mesmo modo, mas sim que, no interesse de objetivos ecumênicos, deveriam ser propostas, para seguimentos inteiros da

² VATTIMO, 1990, p. 61

³ JÚNIOR, 2002, p. 239

humanidade, tarefas especiais e talvez, más, ocasionalmente. – Em todo caso, para que a humanidade não se destrua com um tal governo global consciente, deve-se antes obter, como critério científico para objetivos ecumênicos, um conhecimento das condições da cultura que até agora não foi atingido. Esta é a imensa tarefa dos grandes espíritos do próximo século⁴.

Percebe-se pelo texto extraído de Humano, Demasiado Humano, a obra fronteira entre o jovem Nietzsche e o Nietzsche do período intermediário, que assuntos tratados apenas na filosofia tardia de Nietzsche, como a alteridade, e uma divisão de tarefas e comportamentos entre os diferentes tipos e hierarquias de homens, já se encontram, ainda que de forma embrionária, em suas obras anteriores, reafirmando a coesão interna de sua obra.

Como pré-cursor do pensamento que aponta a crise da modernidade, e os caminhos da pós-modernidade, Nietzsche cria para si um roteiro filosófico extremamente original, embora aparentemente não bem delineado em sua obra: em seu primeiro período pode-se observar a elaboração e maturação de seu método de pesquisa histórica (a genealogia); em um segundo momento, uma vez este método elaborado, Nietzsche começa a testar sua aplicabilidade em direção ao aperfeiçoamento através de suas pesquisas históricas, que lhe fornecem os principais substratos para sua crítica à moral judaico-cristã e todas as suas conseqüências perigosas para a auto superação da humanidade em direção ao além-do-homem (übermensch).

Apenas a partir daí Nietzsche pode lançar-se ao seu mais importante projeto: a crítica e superação da modernidade e de seus valores, que o filósofo nomeia de *transvaloração de todos os valores*, momento no qual assume tão grande relevância na obra de Nietzsche, uma visão cada vez mais política e estratégica, que baseia-se nas descobertas empreendidas em sua filosofia "anterior". Todavia, esta tardia preocupação política de Nietzsche aparece de forma embrionária ao longo de toda sua carreira filosófica, pois os principais conceitos de sua filosofia tardia, carecem de todos os conceitos de sua filosofia anterior, no primeiro e segundo momento. Todavia, não podemos imaginar o pensamento nietzscheano como um pensamento conciliador, muito pelo contrário, a filosofia de Nietzsche lança-se de forma agressiva sobre toda a grande estrutura social criada pela filosofia e política tradicionais. As críticas de Nietzsche a estes valores secularmente defendidos, mantidos e alimentados pela sociedade e por muitos filósofos é o que faz com que muitos críticos vejam o pensamento de Nietzsche como radical, idéia que é corroborada ainda mais quando se pensa que a filosofia nietzscheana possa ter, de alguma forma, contribuído para a eclosão do nazismo e de seus valores estéticos. O próprio Nietzsche explicitava em seus escritos tardios, seu posicionamento perante políticas autoritárias e racistas: *Máxima: não manter relações pessoais com nenhum homem que participe do enganoso delírio racista.*

*(Quanto engodo e esgoto é preciso haver para, no atual entremesclamento europeu, fomentar e fermentar questões raciais!)*⁵

Percebe-se pela citação anterior, que Nietzsche já antevendo as possibilidades de apropriação de suas idéias com objetivos totalmente diversos dos seus, salvaguardava seu pensamento de qualquer movimento com bases em uma política racista.

⁴ NIETZSCHE. 2000, p. 33

Veremos agora, de que forma alguns pontos fundamentais, que permeiam o chamado período maduro de Nietzsche já se encontravam em sua filosofia anterior. Em um texto de agosto ou setembro de 1885, que apesar de elaborado para ser um prefácio às suas *Considerações Extemporâneas*, não foi então publicado, Nietzsche afirma que:

O que eu, em meus "anos mais jovens", uma vez escrevi sobre Schopenhauer e Richard Wagner – ou particularmente, o que eu pintei sobre eles, e talvez em um muito audacioso, excessivamente-confiado e excessivamente-juvenil estilo 'afresco' – é algo que eu certamente não desejo examinar detalhadamente hoje como 'verdadeiro' ou 'falso'. Mas suponha-se que eu estivesse errado no que escrevi: pelo menos meu erro não desonrou nem a eles nem a mim. Isso é algo que se erra em tal caminho. Tais erros também são algo, para certamente me conduzir para fora do caminho. Naquele tempo, além disso, eu tinha resolvido pintar retratos 'do filósofo' e 'do artista' – para passar como se fosse meu próprio 'imperativo categórico': naquele tempo também era um benefício inestimável para mim não ter que aplicar minhas próprias cores a uma tela vazia contendo nada de real, porém [estava mais] apto particularmente para pintar, da mesma forma para falar, sobre figuras que já estavam avançadamente delineadas. Sem me dar conta disso, eu estava falando apenas para mim mesmo – de fato, no fundo, apenas de mim mesmo (...) qualquer um que leia esses textos com uma alma juvenil e ardente, perceberá talvez a solene promessa com a qual eu então me ligo à minha vida – com a qual eu resolvo viver minha própria vida.⁶

Aparece no texto acima, um dos principais elementos da filosofia 'madura' de Nietzsche, que poderíamos chamar de auto-determinação, o processo através do qual o homem, como projeto lançado em direção ao além-do-homem (übermensch), ata-se à sua própria vida, decide viver a sua própria vida, atitude fundamental para que possa romper com o que Nietzsche chama de moral e comportamento de rebanho, profundamente identificado com a sociedade moderna, na qual o indivíduo perde seu valor perante as necessidades utilitaristas da sociedade. Todavia, este é apenas um dos exemplos menores, de como, mesmo as obras primeiras de Nietzsche, já apontam seus caminhos filosóficos da maturidade. Se fizermos uma análise do que é uma das principais idéias desenvolvidas por Nietzsche em seu período maduro, a grande política, veremos como ela se torna possível, apenas dentro do caminho filosófico traçado por Nietzsche.

Falando sobre a grande política, Oswaldo Giacóia afirma que esta: *se articula como um programa filosófico que visa defender a exceção contra a regra, criar, deliberada e experimentalmente, as condições propícias pra o surgimento de uma nova aristocracia do espírito, que tomará corpo na figura dos novos filósofos, os espíritos livres, muito livres. Eles, justamente, seriam também os 'fortes do futuro'.*

A grande política, é o esteio do grande projeto filosófico de Nietzsche para a modernidade, é apenas dentro de um ambiente que consiga viver esta grande política, que se pode pensar a transvaloração de todos os valores, e também o surgimento constante do além-do-homem (übermensch). Para que possamos analisar de que forma esta grande política, mesmo sendo um dos elementos do terceiro período de Nietzsche, só se torna possível através dos conceitos anteriormente desenvolvidos pelo autor, faz-se imperioso uma análise mais detida desta idéia.

⁵ NIETZSCHE. 2002, p. 44.

⁶ NIETZSCHE, 1997, p. 27

Um dos primeiros pontos de choque com essa grande política, é sua natureza, pois a grande política não é democrática, pelo contrário, a sua realização só seria possível em uma sociedade aristocrática, posto que Nietzsche acreditava na hierarquia que há entre os homens, hierarquia essa que se constrói não com base em valores sociais (classes), hereditários (raça), ou qualquer outro parâmetro externo, esta é uma aristocracia do espírito.

A justificativa para essa política aristocrática encontra-se na necessidade de se superar o homem, esta seria a única forma de se pensar na economia do todo, e não mais na economia das pequenas partes, a economia ou a política nacionais, é algo além da nação que está em jogo. Em seus fragmentos finais, Nietzsche lança o que chama de teses da grande política:

1ª tese: a grande política (...) quer gerar um poder suficientemente forte para forçar a humanidade a ser uma totalidade superior, com impiedosa dureza contra o degenerado e o parasítico na vida, - contra aquilo que arruína, envenena, difama, destrói até o fim... e que vê no aniquilamento da vida a insígnia de uma espécie superior de almas. 2ª tese: (...) pecaminosa é toda espécie de antinatureza. 3ª tese: criar um partido da vida, suficientemente forte para a Grande Política: (...) ela quer forçar a educação da humanidade como um todo, ela mede a hierarquia das raças, dos povos, dos indivíduos segundo seu futuro, segundo o compromisso que ela tenha com a vida, - ela acaba sem misericórdia com todo degenerado e parasitário. 4ª tese: o resto resulta disso.⁷

Uma vez absorvido do próprio Nietzsche a idéia de grande política, podemos observar agora, de que forma toda sua filosofia anterior corrobora a criação de tal idéia. De imediato podemos analisar possíveis impactos que tais idéias nos causariam, principalmente, no que se refere à democracia, que desde a revolução francesa vem tornando-se um valor cada vez mais absoluto e universal.

O primeiro ponto no qual esbarramos, é justamente a crítica nietzscheana à democracia, e mais do que isso, a crítica ao valor máximo que sustenta a democracia – a igualdade, valor que reside, como foi mostrado anteriormente, na crença teológico/moral, de que todos os homens são iguais por terem uma mesma natureza: a criação divina. Este valor transportado para o campo político cria a idéia de que todos os homens também são iguais perante a sociedade, e o Estado. Mesmo que penas de forma discursiva, tais valores estão cristalizados na sociedade, que choca-se com a crítica que Nietzsche faz a eles. Todavia, em suas obras do período intermediário e da juventude, Nietzsche já prepara-se para romper com tais valores, principalmente através de obras como Para Além do Bem e do Mal, Genealogia da Moral e O Anticristo. Nestas obras Nietzsche, através de seu método genealógico (desenvolvido e aprimorado a partir do método filológico de investigação, esboçado em sua primeira obra O Nascimento da Tragédia), mostra de que forma, historicamente foram construídos os valores morais vigentes, como o representado pelo binômio bem/mal.

Sem o desmascaramento dos valores morais, como naturais, Nietzsche jamais poderia ter chegado à sua crítica da sociedade moderna, sem enfrentar grandes problemas, até mesmo de consciência (morais). Desta forma, a aceitação de uma idéia como a de grande política, que esbarra em uma suposta maldade

⁷ NIETZSCHE. 2002, p. 42

do conceito que nega a igualdade e o direito de igualdade entre os homens, cai por terra quando o bem e o mal são postos, não mais como elementos naturais e metafísicos, verdadeiros imperativos criados por Deus para servirem de guias infalíveis da humanidade, e sim como elementos sociais, historicamente criados, sob determinadas condições, e com determinados fins.

Uma vez negados os valores morais como valores universais e naturais, surge uma nova questão: como explicar e justificar o comportamento humano, e até mesmo, como argumentar a escolha entre grande política e política democrática, tendo em vista que perante a inexistência de bem e mal como valores universais e naturais, em tese, não haveria diferença entre a escolha de um e de outro?

A resposta para a pergunta anteriormente proposta, demonstrará claramente a inexistência de descontinuidade na obra de Nietzsche, e a forma como os conceitos e idéias propostos por ele em seus dois primeiros períodos filosóficos, corroboram os conceitos de seu período tido por mais maduro e de maiores preocupações políticas. A resposta para essa pergunta encontra-se na primeira obra de Nietzsche (O nascimento da Tragédia), mais especificamente no conceito de Dionisíaco. Esta obra é um estudo histórico/filológico de como, através da música, surgiu em meio à cultura grega o pensamento trágico, expresso principalmente pelas obras de Sófocles e Ésquilo. Nesta obra, Apolo e Dionísio aparecem como os deuses da arte representantes de impulsos que apesar de distintos, caminham lado a lado em uma constante discórdia, discórdia essa, que gera o novo, fruto de toda criação na arte: Apolo representa a arte do figurador plástico, a arte apolínea é identificada, pelo próprio Nietzsche, pelos estados oníricos, nos quais todos podem ser atores e plasmar novas realidades. Dionísio por sua vez, é representado pela música mas não a música calma e tranqüila, e sim uma música frenética, embora harmônica, esta arte, é comparada por Nietzsche ao estado de embriagues.

Para Nietzsche o comportamento dionisíaco é o mais natural, o que mais se aproxima da vida, pois não tenta mascarar-la, e não cria subterfúgios metafísicos além da própria arte para tornar a vida aceitável. O dionisíaco representa a aceitação da vida, independente de suas condições, a aceitação da vida como tragédia, na qual a própria vida, e a história, não têm um significado tautológico de conduzir o homem e as humanidades para algum reino de redenção e felicidade. É a partir daí que Nietzsche justifica sua filosofia para além do bem e do mal, usando os próprios impulsos humanos de sobrevivência e superação como justificativa de seu pensamento filosófico-político. No prefácio à segunda edição de sua obra O Nascimento da Tragédia, Nietzsche se reportando à sua "doutrina" dionisíaca afirma:

Contra a moral, portanto, voltou-se então, com este livro problemático, o meu instinto, como um instinto em prol da vida, e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contra-valorização da vida, puramente artística, anticristã. Como denominá-la? Na qualidade de filólogo e homem das palavras eu a batizei não sem alguma liberdade – pois quem conheceria o verdadeiro nome do Anticristo? – com o nome de um deus grego: eu a chamei dionisíaca.⁸

A partir deste texto, podemos perceber de que forma Nietzsche substitui os valores morais, utilizados para justificar o comportamento e as decisões humanas, por algo novo, que ele mesmo chama de contradoutrina moral: o pensamento dionisíaco. Todavia, o pensamento dionisíaco; e mais que o próprio

⁸ NIETZSCHE. 1992, p. 20

pensamento; o comportamento dionísíaco de afirmação e superação da vida em todos os seus sentidos, até nos mais terríveis, e trágicos não apenas justifica o pensamento político de Nietzsche, mas perpassa toda sua filosofia, tornando-se para ele um ideal de vida, sempre expresso em sua ontologia, e que ganha significativa expressão textual na epígrafe de uma das mais importantes obras do segundo período de Nietzsche, *A Gaia Ciência: Vivo em minha própria casa, Jamais imitei algo de alguém/ E sempre ri de todo mestre/ Que nunca riu de si também.* (Inscrição sobre a minha porta).⁹

Esta obra é significativa na carreira de Nietzsche, pois representa a entrega da vida do autor, de uma forma até pragmática, à tudo o que pensa e escreve, principalmente, a sagração da vida pela alegria. Obra escrita após uma das mais longas e agudas crises de saúde de Nietzsche, a obra é um canto de alegria, expresso pelo próprio autor já em seu primeiro aforismo:

Todo este livro não é senão divertimento após demorada privação e impotência, o júbilo da força que retorna, da renascida fé num amanhã e no depois de amanhã, do repentino sentimento e pressentimento de um futuro, de aventuras próximas, de mares novamente abertos, de metas novamente admitidas, novamente acreditadas. E quantas coisas não deixei para trás! Esse quê de deserto, exaustão, descrença, enregelamento na própria juventude, essa velhice interposta no lugar errado, essa tirania da dor, superada ainda pela tirania do orgulho que rejeitou as conseqüências da dor – e conseqüências são consolos -, esse radical isolamento para se resguardar de um desprezo aos homens que se tornara morbidamente clarividente, essa fundamental limitação ao que é amargo, acre, e doloroso no conhecimento, prescrita pela náusea que pouco a pouco nasceu de uma incauta e complacente dieta espiritual (...), quem poderia experimentar tudo isso como eu fiz? Mas quem o fizesse me perdoaria certamente mais que um pouco de tolice, desenvoltura, "gaia ciência" – por exemplo, o punhado de canções que agora vêm juntadas a esse livro - canções nas quais um poeta, de maneira dificilmente perdoável, zomba de todos os poetas. – Ah, não é apenas nos poetas e seus belos "sentimentos líricos" que este ressuscitado precisa dar vazão a sua malícia: quem sabe que vítima ele não está procurando, que monstruoso tema de paródia o estimulará em breve? "Incipit tragoedia" [A tragédia começa] – diz o final deste livro perigosamente inofensivo: tenham cautela! Alguma coisa sobremaneira ruim e maldosa se anuncia: incipit parodia, não há dúvida...¹⁰

E é justamente neste livro totalmente enredado pelo espírito dionísíaco de glorificação da vida em substituição aos valores morais que negam o viver e tornam a vida triste, que se abrem as portas para o que há de mais duro e terrível na filosofia de Nietzsche: a morte de Deus, e o eterno retorno do mesmo. A morte de Deus em especial, é um destes elementos que colaboram com a filosofia tardia do autor, pois esta representa o fim da metafísica e dos valores morais como naturais e universalmente válidos, só a partir daí, aceitando-se a tragédia da vida, se pode pensar em um novo niilismo, um niilismo ativo, que não se entrega ao abismo da morte ao perceber a finitude da vida, que não tem mais um sentido metafísico e não é conduzida pelas mãos do Senhor em direção à graça ou à danação, pelo contrário, este novo niilismo busca tornar a espécie humana cada vez mais propensa para a vida, cada vez mais apta para a vida, não busca apenas preservar, mas acima de tudo, superar o próprio homem, o que, para Nietzsche, só é possível através de uma grande política, na qual se possa realizar a transvaloração de todos os valores e pensar o além-do-homem (übermensch), como um projeto lançado.

A despeito das diversas acusações que se possa levantar contra Nietzsche de que haja alguma espécie de descontinuidade em seu pensamento e em seus temas filosóficos, a análise de sua bibliografia nos deixa claro, que os caminhos de Nietzsche são coerentes entre si, e que os assuntos estudados em seus dois

⁹ NIETZSCHE. 2001, p. 5

primeiros "períodos filosóficos", não só corroboram, como são essenciais para sua filosofia tardia, na qual o filósofo expõem de forma clara, não apenas suas preocupações políticas, mas também, e principalmente suas proposições. Tornando a repetir as palavras de Vattimo, sobre Nietzsche (nota de rodapé 3), "a partir de Zarathustra Nietzsche passa a encarar o filósofo como um legislador, um inventor de valores", e todos estes valores propostos à partir de Zarathustra, só são coerentes se embasados pelos estudos de Nietzsche sobre a moral, e a forma como esta tornou-se o elemento determinante da cultura e política ocidental.

Ainda poderia objetar-se contra Nietzsche, a questão do método, principalmente quanto a diferenças entre suas primeiras obras e as do período intermediário e tardio. Todavia ainda assim seria difícil encontrar, no campo metodológico, rupturas ou mesmo descontinuidade, pois o método nietzscheano em suas primeiras obras, é o embrião da metodologia que o acompanhou em seu período intermediário e tardio. Em seus dois primeiros (mais especialmente no primeiro), guiado por um método filológico, o autor lança as bases do que se tornaria, não apenas sua metodologia, mas também seu pensamento genealógico. Desta forma, as primeiras obras de Nietzsche, pode-se dizer, foram o laboratório no qual o autor experimentou e desenvolveu o método que lhe acompanhou até o final de sua carreira intelectual.

Partindo de O Nascimento da Tragédia, primeira obra de Nietzsche, até *Der Wille zur Macht* (A Vontade de poder) última obra do autor, compilado mais comumente, sob títulos como Notas, ou Fragmentos Finais, o pensamento nietzscheano mostra-se metodológica e tematicamente coeso, além claro, de extremamente original, apesar das influências que haja sofrido. Talvez o primeiro pensador ocidental a perceber o descompasso social, político e filosófico, nos quais incorria a modernidade pelos mais diversos motivos, principalmente pela incapacidade de se criar um projeto político, social e estético, de valor ecumênico, como o próprio autor afirma em Humano Demasiado Humano (nota de rodapé 5), capaz de engendrar um processo de superação do próprio homem, enfraquecido por seus valores morais, e principalmente pelos últimos séculos de niilismo destrutivo, no qual a humanidade mergulhou cada vez mais após o desencanto e também enfraquecimento do poder secular e temporal da igreja no viver, e também o desencanto com teorias sociais e filosóficas que partindo dos valores morais cristãos de igualdade, tiraram o reino dos céus de um "limbo" metafísico, e tentaram materializá-lo na terra. Nietzsche tornou-se ainda o ponto de partida de muitos outros filósofos, tais como Gianni Vattimo, Paul Ricœur, Michel Foucault, e principalmente, Martin Heidegger. Estes último em especial, juntamente com Nietzsche, podem ser considerados os dois grandes filósofos da contemporaneidade, um desconstruindo a idéia de verdade e a tautologia da história ocidental dos valores morais, e o outro combatendo a metafísica tradicional.

BIBLIOGRAFIA

ANSELL-PEARSON, Keith. **Nietzsche como Pensador Político: uma introdução**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

¹⁰ Idem. p. 9.

JÚNIOR, Oswaldo Giacóia. **Barbárie e Civilização**. In: O Terror. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002. (Filosofia Política. Série III; nº 4).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Untimely Meditations**. New York, Cambridge University Press, 1997.

_____. **Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo, Companhia das Letras 2000.

_____. **Fragmentos Finais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. **O Nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1992.

_____. **A Gaia Ciência**. São Paulo, Companhia das Letras 2001.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. Lisboa, Editorial Presença, 1990.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*E se a corrente range
entre os dentes,
que mal há em aceitar
a janela da guilhotina
ou cavalgar um cavalo morto?*

CARLOS MOREIRA